

## **DO DIÁLOGO À DIALOGICIDADE: UMA INTERFACE ENTRE À PEDAGOGIA FREIREANA E À PERSPECTIVA EU-TU EM MARTIN BUBER NO CONTEXTO EDUCACIONAL CONTEMPORÂNEO**

Eric Klepton de Oliveira Benicio; Joaquim Iarley Brito Roque

*Centro Universitário Doutor. Leão Sampaio; Centro Universitário Doutor Leão Sampaio  
ericklepton196@gmail.com; joaquimiarley@leaosampaio.edu.br*

### **Introdução**

Visto que no contexto educacional contemporâneo as relações sociais se evidenciam de maneiras mais fluídas, no sentido Baumaniano (2001). É nesse espaço, educacional, o que se pode denominar de o berço da humanidade, que passasse boa parcela de nossas vidas. Um lugar onde os afetos e sentimentos se encontram no encontro com o outro, e é nesse encontro interhumano que tanto a dinâmica do grupo como da sociedade se perpetuam.

O social é efeito desse encontro, a escola, as organizações, dentre outros, são nada mais que consequências dessas relações. A escola, sobretudo sendo lugar de encontros da comunidade, dos alunos, dos professores, é também espaço privilegiado para arranjos, problematizações, indagações e resoluções. Por isso, pensar em um ambiente no qual se possa possuir as condições mínimas necessárias para à constituição de um vínculo humano mais genuíno é fomentar concepções positivas e contribuir para a construção e transformação destes.

Esse estudo faz parte de um resultado parcial em consequência de pesquisas realizadas no Grupo de Estudos sobre à Psicologia Dialógica de Martin Buber, ocorrido no Centro Universitário Doutor Leão Sampaio- UNILEÃO. De tal modo, o presente trabalho tem como objetivo central promover um diálogo entre à teoria de Paulo Freire, à concepção dialógica em Martin Buber e a educação, contribuindo de maneira mais efetiva no desenvolvimento de uma formação do sujeito embasada na dialogicidade, almejando uma sociedade mais igualitária e pertencente a ela mesma.

### **Metodologia**

De acordo com Lakatos (2012), compreende-se por metodologia uma área ampla que envolve diversos elementos, abordagens, técnicas e questionamentos pertinentes ao quanto, onde, com quê e como será erigida a pesquisa, cuja finalidade é servir como direcionamento para o que se quer desenvolver.

Dessa forma, os métodos de investigação foram fundamentados à pesquisa qualitativa, bibliográfica e exploratória. O método de pesquisa qualitativo, segundo Marconi e Lakatos (2011), caracteriza-se pela análise e interpretação rigorosa dos elementos, no intuito de descrever a complexa realidade e o comportamento humano de forma mais minuciosa, como por exemplo, costumes, atitudes etc.

Quanto à exploratória, esta pode proporcionar maior interação do pesquisador com o tema abordado, tendo em vista a explicitação do conteúdo incitando o mesmo a ampliar sua visão. Esse tipo de pesquisa se caracteriza pela flexibilidade, visto que o investigador tende a levar em contar os mais variados elementos inerentes ao fenômeno estudado. Já à pesquisa bibliográfica, define-se como a análise de jornais, revistas, teses, periódicos científicos, documentos, livros, artigos com perspectivas diversificadas, cujo objetivo está em chegar a novas conclusões (GIL, 2010).

Portanto, por meio das plataformas e periódicos tais como Capes, Pepsic e Scielo, foram realizados um levantamento bibliográfico de 62 literaturas, sendo destas escolhidas 17. Os

critérios usados foram: artigos e livros dos últimos 10 anos, com ressalva de alguns por possuírem elementos importantes para a pesquisa, bem como as palavras-chave: Paulo Freire e a educação, Buber e a dialogicidade, Martin Buber e a relação Eu-Tu, educação em Paulo Freire, perspectiva histórica da educação, relação professor-aluno, relações de poder em educação.

Em pormenores, a pesquisa se delinea em duas concepções centrais: a primária, consistindo da utilização de referências-base para a construção das discussões como os livros *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire e *Eu e Tu* de Martin Buber. No tocante as secundárias, caracteriza-se pelo uso de bibliografias traduzidas e de comentadores educacionais.

## **Resultados e Discussão**

O modelo de escola que ainda hoje é utilizado no Brasil, mesmo que com algumas adaptações, tem sua origem na época da Revolução Francesa, onde sentia-se a necessidade de consolidar a burguesia no poder. A escola seria o instrumento que transformaria subordinados em indivíduos com conhecimento em relação a seus direitos e deveres, caracterizando-os como verdadeiros cidadãos. Para isso, havia a figura do professor, uma pessoa devidamente capacitada para tomar as iniciativas, tudo realizado disciplinadamente (LEÃO, 1999). Nisto, o ensino tradicional predominante nos ambientes escolares se constitui depois da Revolução Industrial, onde depois da tomada do poder pelos burgueses, o modelo de ensino seria uma forma de consolidar a democracia através do acesso gratuito, obrigatório e universal.

Leão (1999), afirma que ao vermos esses acontecimentos, não podemos deixar de reconhecer a importância desses aspectos universais da educação, porém sabe-se também que muito ainda falta para uma verdadeira unificação educacional, sem diferenças entre a qualidade oferecida a ricos e pobres. A atuação de educadores “pioneiros”, como eram conhecidos na década de 30, resultou através da IV Conferência Nacional de Educação realizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE), decorrida no ano de 1931, em discussões e incentivos para uma educação básica acessível a todos e universal; onde seria utilizado um conceito dinâmico de ensino através de uma metodologia ativa, substituindo o conceito estático. O Manifesto dos Pioneiros foi incorporado mais tarde na Constituição de 1934, onde garantia direitos como o ensino primário integral gratuito, de presença imprescindível e extensivo aos adultos.

Porém, devido à instalação do Estado Novo, isso não durou muito tempo, e o que caracterizou essa época foi uma educação diferenciada para elites, focando aos demais uma preparação que fosse útil ao Estado. Vale ressaltar que mesmo depois da queda do Estado Novo, pouca coisa mudou até a década de 50. Já no governo de Kubitschek a relação da educação com a economia que estava inclusa no Plano de Metas, ganha destaque e é caracterizada pelos ensinamentos técnicos (FONSECA, 2009).

Elucida ainda Fonseca (2009), que a partir da década de 60 os educadores do Conselho Federal de Educação criticaram a visão economista da educação e resgataram os aspectos culturais trazidos pelos antigos “pioneiros”, onde a educação deve levar em conta as diversas demandas presentes na sociedade.

Ao refletir-se sobre a qualidade da educação, implicando vê-la nas esferas culturais e socioeconômicas do país, deve-se perceber como as políticas educacionais interatuam com os planos de desenvolvimento e com as demandas trazidas principalmente pelos próprios educadores. Uma educação de qualidade prepara o indivíduo para o exercício da cidadania e da vida profissional, desenvolvendo assim sua função social. Outro índice relevante é a função equalizadora da educação, onde a oferta crescente nos últimos anos, principalmente quando se fala no acesso das minorias, sinalizaria uma melhora de qualidade, levando em consideração o direito individual. Uma visão ainda seria sobre a própria dinâmica e gestão

escolar, inovação tecnológica, avaliação externa entre outros. (FONSECA,2009).

A Lei Federal 9394/96 também denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional surge em decorrência da promulgação da Constituição Federal em 5 Outubro de 1988, tendo como objetivo construir normas nacionais que abarquem a demanda da educação nacional tendo como critérios a flexibilidade e autonomia ao sistema educacional e as escolas, a aprendizagem do aluno e, por último, garantir subsídios que reforcem a organização educacional assim como sua qualidade (BUSSMANN, 1998).

Nesta perspectiva, esta temática vem sendo discutidas por educadores comprometidos com a estruturação de modelos, regras e padrões um plano de ensino contundente, que facilite o acesso a educação para toda a sociedade. Um dos principais empecilhos para esse objetivo seria a tentativa de implementação de uma ideologia padronizadora política-cultural, que dificulta o desenvolvimento da individualidade e da subjetividade do estudante, desconsiderando por muitas vezes o potencial criativo e único de cada sujeito.

Para se pensar a padronização, de acordo com à análise realizada por Veiga-Neto (2005), pertinente às obras de Michel Foucault, percebe-se uma leitura apurada sobre as formas como o autor constroi sua teoria, sobretudo a respeito da Arqueologia do Saber. Entende-se por esta última, uma série de discursos descontínuos/destituídos que fundam embasando as perspectivas e os modos de viver-se no cotidiano das pessoas. Explicita o autor ainda que, a importância de compreender tal conceito para a realidade contemporânea, especificamente referente ao contexto educacional ajuda a pensar sobre os mecanismos de saber-poder e como isto afeta diretamente na constituição e manutenção das relações quer sejam entre discente-docentes, vice-versa e comunidade.

Foucault (2012), introduz que o poder constituído no seio da sociedade se perpetua por meio não de posições centralizadas, todavia através de relações de poder-saber, assegurando que tais vínculos se desenvolvem de forma capilarizada, de maneira descontínua. Compreende que as perspectivas de saber e poder estão intimamente imbricadas à medida que não se pode pensar um separado do outro, aludindo que o saber erige o poder e vice-versa.

Assim, ponderar sobre os modos de vida na contemporaneidade inclinadas num viés das políticas educacionais, é se deparar nos vários discursos e práticas que são impostas e que fundam penetrando nos corpos dos acometidos, a exemplo da formação e manutenção das relações humanas dentro do contexto educacional. (COSTA, 2009; FOUCAULT, 2001, 2012; VEIGA-NETO, 2005). Completa Foucault (2001, 2012), que o processo de docilização envolve mais uma noção econômica do que o terror propriamente dito, isto é, através da disciplina deste avaliar o quanto o corpo pode produzir nas instituições ou não.

Concepções político-educacionais a parte, é evidente que a escola tem uma função primordial na história de vida da criança, adolescente e adultos, pois é um ambiente que dispõe de variados tipos de aprendizagem, incluindo o contato diário e a construção de relacionamentos com o outro, o que não quer dizer que este fenômeno seja calculado ou determinado pela instituição de que se fala.

O espaço escolar pode ser entendido como um local onde se estabelece um convívio inserido num âmbito socioeconômico-cultural. Sendo a escola representada como um lugar de promoção de bem-estar do ponto de vista de formação de cidadania e de ligação dos vários indivíduos que constituem este campo, a saber, profissionais da educação, discentes, gestores.

A maneira como a escola recebe os estudantes, bem como sua família e a forma como esta mesma instituição afirma a permanência destes indivíduos, depende, em sua maioria, de agentes administrativos, pedagógicos e técnicos, considerando sempre a percepção singular do mundo, a necessidade de escutar e compreender este sujeito aflorando seu entendimento. Todos os métodos utilizados para motivar a permanência ou não destes na escola podem gerar consequências favoráveis ou não para o seu desenvolvimento quer seja no presente e futuro, influenciando, conseqüentemente, a comunidade em que vive. O hábito de

tornar a escola um local seguro para receber o(a) aluno(a), de certa forma, vem sendo praticado com mais frequência, muros cada vez mais altos, grades nas janelas, vigias, ronda escolar, sem equipamentos tecnológicos e com uma visão entre funcionários e alunos cada vez mais hierarquizada, isto finda deixando muitas dúvidas e anseios a respeito de o quanto o ambiente escolar é ou está se tornando saudável ou não para os indivíduos que por ela tem de passar (TEIXEIRA, 2007).

Nesta medida, as representações sociais são de suma importância para que se possa compreender o desempenho social, assim como são esclarecedoras dos envolvimento sociais, das relações estabelecidas entre o sujeito e o ambiente circundante e ambiente social, configurando-se desta maneira algo primordial para o entendimento dos determinantes das interações e práticas sociais (OLIVEIRA *et al*, 2003). Logo, o sistema educacional tem como principal tarefa atuar numa perspectiva de socialização e propiciar formas para o desenvolvimento saudável tanto destes quanto ao contexto cultural da sociedade em que está inserido, oferecendo lhes assim instrumentos que os tornem capazes de atuar modificando a própria realidade

Em vista disso, é possível perceber que a escola enquanto instituição e órgão educador ao cumprir a missão de coletivizar os conhecimentos científicos, filosóficos e até artísticos, atua na formação do indivíduo de forma direta e indireta, cuja concretização ocorre como resultado da edificação de novos conceitos a partir das informações recebidas formando assim uma nova forma de ver e se relacionar com o ambiente e com o outro (ANJOS, 2014).

Segundo Bianchi (2011), é na escola que as relações sociais, seus valores e crenças se misturam e através dessas relações cria-se uma complexa estrutura do sujeito. Para tanto, o aluno necessita ser motivado para que realize algo e as suas perspectivas de sucesso e fracasso em relação ao futuro vão estabelecer se ele as realizará ou não, expondo ainda que, é fundamental a motivação dentro da sala de aula para que o educando desenvolva sua aprendizagem.

Entretanto, é sabido que os alunos já chegam a escola com um sentimento de desânimo que afeta diretamente seu aprendizado. Existe assim, a importância de ajudar os alunos a estabelecer autoconfiança e objetivos realistas para que diante dessas atitudes possa se estabelecer melhoras substanciais no ambiente escolar. Bianchi (2011), ressalta igualmente a importância de entender de forma exata qual a meta que mais motiva os alunos e utilizá-la para caracterizar a autonomia de sua aprendizagem.

É a partir destes questionamentos que a presente pesquisa se fundamenta, o que se quer dialogar aqui não diz respeito somente a política educacional, a relação discente-docente e/ou o processo de ensino aprendizagem, mas também problematizar esses lugares simbólicos que cerceiam todo este contexto. Portanto, a ideia é que a partir das elucidações constituídas por Paulo Freire e Martin Buber, isto possa ajuda-nos a pensar sobre todos esses processos dialéticos que se diluem no espaço da educação.

Em primeira instância, observa-se a partir das literaturas lidas como a trajetória educacional referente ao processo de ensino-aprendizagem na realidade brasileira constitui-se em ações e reflexões que não perpassam a uma perspectiva social, o que finda engendrando implementações de modelos que não condizem com a realidade vívida. Isto, além de proporcionar um espaço educacional não-interativo, no qual embasado em uma lógica de depositar conteúdos à consciência dos indivíduos, não os permitem conscientizar-se da sua própria realidade para então transformá-la.

Logo, esta crença de que o discente não possui saber e deve estar aberto para somente recebê-lo adentra em divergência à perspectiva de diálogo elucidada por Freire (2014, p.108), pois o mesmo acredita que ‘a existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo’. Por isso,

o diálogo configura-se em uma condição inerente a existência humana, sendo, por meio dele que as relações se atravessam e, conseqüentemente, endereçam-se tanto com o mundo como com outrem, reafirmando, assim o diálogo e educação como prática de liberdade.

Afirma Valoura (2006), a partir dos estudos da educação freireana, que o educando tem que empoderar-se dessas mudanças e ações para conseguir aprender e evoluir, isto é, o aluno para poder aprender tem que entender sua situação atual para que somada a uma atitude pessoal (ação-reflexiva=práxis), impulse esse aluno a estabelecer metas e sair de uma postura meramente receptiva para uma postura mais ativa. Então, para que esse processo de motivação e empoderamento ocorra, é importante que essas intervenções tenham a participação ativa dos discentes e do corpo docente da instituição de ensino para que assim haja uma transformação no seu ambiente educacional.

Em contraponto, ao caminhar-se do diálogo para o dialógico, pensando através dos pressupostos buberianos, percebe-se, a princípio, uma cisão pertinente como cada autor constroi sua teoria, sendo Freire mais direcionado para aspectos político-pedagógicos e o Buber em dimensão mais dialógica, de totalidade, ou melhor, de sentido compartilhado de caráter dual (relação Eu-Tu e Eu-Isso).

Deste modo, para Buber (2001), o ser humano é compreendido em uma perspectiva de dualidade, de relação das palavras-princípio Eu-Tu e Eu-Isso, que se mediatiza por meio dos verbos proferidos, embasada na reciprocidade e dialogicidade. Assim, a palavra Eu não pode ser pronunciada sem se referir a um Tu, visto que pensar o mesmo fora desse vínculo é negar a própria condição ontológica. Para tanto, a constituição interrelacional dar-se num campo de possibilidades, de aberturas junto-com-o-outro, no intuito de conhecer-se genuinamente, excedendo, portanto, o olhar de coisificação, de experimentação constante (relação Eu-Isso).

Em pertinência ao contexto educacional, a relevância de Buber se materializa no intersentido, consistindo no engendramento puro da relação, ou seja, a reciprocidade, cujo intuito é superar à visão político-pedagógica e adentrar em aspectos interhumanos, de (com)partilhamento de sentidos junto-com-o-outro em sua alteridade. Em pormenores, trata-se muito mais que um simples diálogo entre um e outro, pois configura-se na aceitação e abertura do ser humano na tentativa não somente de experimentá-la, mas também de vivê-la em sua totalidade.

## **Conclusões**

A princípio, a criação de tais espaços, visando uma dicotomia, isto é, uma desconstrução-construção desses ambientes é de suma importância no que diz respeito ao processo de desenvolvimento de políticas educacionais que visualizem o aluno como um sujeito marcado pelas experiências sociais, pela cultura, excedendo a visão de que o mesmo é um ser dotado sem luz.

Em vista disso, através de perspectivas progressistas e uma Antropologia do Interhumano, a exemplo da educação freireana e relação Eu-Tu em Martin Buber, o sistema educacional vigente pode ser pensado, levando em consideração a singularidade e o conhecimento de cada sujeito. A importância de avaliar a cultura assim como o outro, compreendendo este como mediador no processo de ensino aprendizagem é superar a concepção do individual.

Portanto, se observa que apesar da hegemonia do modelo educacional na contemporaneidade, existem referenciais educacionais que visam elevar a pessoa a sua condição verdadeiramente humana, englobando as suas singulares e respeitando as suas limitações. Certamente, há muito ainda o que se refletir sobre as políticas educacionais, especialmente no tocante ao olhar sobre o outro. É neste viés, que os modelos de educação progressista podem contribuir de maneira mais efetiva no desenvolvimento de uma formação do sujeito, almejando uma sociedade mais igualitária e pertencente a ela mesma.

## Referências

- ANJOS, Ricardo Eleutério. O papel da educação escolar no desenvolvimento da personalidade do adolescente. **Nuances: estudos sobre Educação**, v. 25, n. 1, p. 228-246, 2014. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/2941/2529>>. Acesso em: 26/07/2018.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BIANCHI, S. R. **A importância da motivação na aprendizagem do ensino fundamental**. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar: Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, 2011. [Online]. Disponível em: <<http://www.pedagogia.ufscar.br/documentos/arquivos/tcc-2008/a-importancia-da-motivacao-na-aprendizagem-no-ensino-fundamental>>. Acesso em: 22/008/2018.
- BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10. ed. São Paulo: Centauro, 2001.
- BUSSMANN, Antonia Carvalho. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Geógrafos, 1998.
- COSTA, S. S. G. Governamentalidade neoliberal, Teoria do Capital Humano e Empreendedorismo. **Rev. Educação e Realidade**, v.34, n.2, p.171-186, mai/ago, 2009. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/8299>>. Acesso em: 24/07/2018
- FONSECA, Marília. Políticas públicas para a qualidade da educação brasileira: entre o utilitarismo econômico e a responsabilidade social. **Cad. CEDES**, vol. 29. Nº 78. p. 153-177. Campinas, 2009. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br/>>. Acesso em: 24/07/2018.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. 33ª. ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica; Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50º. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- OLIVEIRA, Denize Cristina *et al.* Adolescência e trabalho: enfrentando o presente e esperando o futuro. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 1, p. 02-15, jun. 2003. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2003000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2003000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 24/07/2018.
- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. 5ª.ed. São Paulo: Atlas, 2011.
- LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7ª. ed. 7ª. reimpr. São Paulo: Atlas, 2012.

LEÃO, Denise Maria Maciel. Paradigmas contemporâneos de educação: escola tradicional e escola construtivista. **Cadernos de Pesquisa**, nº.107, junho, p. 187-206, 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a08.pdf>>. Acesso em: 16/07/2018.

TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Uma relação delicada: a escola e o adolescente**. São Paulo: Programa Pró-Menino, 2007. Disponível em: <<http://fundacaotelefonica.org.br/promenino/trabalhoinfantil/colunistas/uma-relacao-delicada-a-escola-e-o-adolescente/>>. Acesso em: 24/07/2018.

VALOURA, L. C. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador**. 2006. Disponível em <[http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos\\_e\\_textos/Comportamento\\_organizacional/empowerment\\_por\\_paulo\\_freire.pdf](http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/empowerment_por_paulo_freire.pdf)>. Acesso em: 24/07/2018

VEIGA-NETO, A. **Foucault e a educação**. 2ª. ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.